

Agentes da Sétima Arte: descortinamento histórico do Clube de Cinema de Sergipe diante do Golpe de 1964

Onesino Elias Miranda Neto*

Resumo

A proposta desse trabalho visa construir um breve referencial historiográfico acerca das ações do CCS – Clube de Cinema de Sergipe durante o período da ditadura militar em Sergipe, demonstrando sua formação e atividades desde seu nascimento até os idos anos de chumbo. Busca-se refletir sobre as condições adversas que as manifestações culturais tinham em Aracaju e diante disso como os membros cineclubistas promoviam atos que refletiam a resistência contra o governo militar.

Palavras-chave: cineclubistas; ditadura; Sergipe; resistência.

* Mestre em Cinema e Narrativas Sociais pelo PPGCINE/UFS, formado em História Licenciatura pela UNIT, historiador associado da ANPUH/SE e professor da rede SESI Educação.

Agents Of The Seventh Art: historical insight into the Sergipe Cinema Club in the face of the 1964 coup

Abstract

The purpose of this work aims to build a brief historiographical reference about the actions of the CCS – Clube de Cinema de Sergipe during the period of the military dictatorship in Sergipe, demonstrating his training and activities from his birth until his senior years. It seeks to reflect on the adverse conditions that cultural manifestations had in Aracaju and in light of this how film society members promoted acts that reflected resistance against the military government.

Keywords: films clubs; dictatorship; Sergipe; resistance.

Agentes Del Séptimo Arte: recorrido histórico por el Cine Club de Sergipe ante el golpe de 1964

Resumen

La propuesta de este trabajo tiene como objetivo construir una breve referencia historiográfica sobre las acciones del CCS – Clube de Cinema de Sergipe durante el período de la dictadura militar en Sergipe, demostrando su formación y actividades desde su nacimiento hasta los viejos años de liderazgo. Busca reflexionar sobre las condiciones adversas que tuvieron las manifestaciones culturales en Aracaju y a la luz de ello cómo miembros de la sociedad cinematográfica promovieron actos que reflejaban resistencia contra el gobierno militar.

Palabras-claves: cineclubistas; dictadura; Sergipe; resistencia.



Introdução

Em 2024 completamos 60 anos do golpe civil-militar de 1964. Várias são as preocupações sociais que norteiam essa data, muitos movimentos conservadores-liberais no país atuam com a perspectiva de desenvolver na sociedade um apagamento histórico através do negacionismo científico, fomentando-se assim, uma segunda anistia. Essa variável perigosa tecida de cinismo de diversos agentes e instituições, obriga cada vez mais a atenção e o cuidado de pesquisadores, historiadores e memorialistas acerca da construção da tomada de poder em 1964 e de seus retratos contemporâneos.

Cada prospecção de resgate desse período histórico ajuda na contribuição para que tal acontecimento não seja repetido ou até mesmo idolatrado. Com isso, vale destacar como a população civil mantinha seus movimentos sociais. Em Sergipe, várias foram as formas de resistência diante do Estado de exceção: organizações estudantis, manifestações sociais, intelectuais, artísticas, dentre outras. Neste pequeno texto, não se busca dar conta de toda a trajetória do movimento artístico sergipano durante o golpe de 1964, muito menos encerrar o resgate das ações cineclubista no estado, mas, atingir um descortinamento histórico das práticas desenvolvidas no extinto Clube de Cinema de Sergipe.

Os pioneiros

O desenrolar do golpe civil-militar de 1964 no Brasil atingiu em cheio as aspirações da juventude e sua participação no cotidiano das artes e da cultura. Os movimentos estudantis teriam que buscar alternativas para o embate com a estrutura ditatorial latente no Estado brasileiro daquele momento. Fazer uma manifestação artística que angariasse a formação de uma identidade nacional e, ao mesmo tempo, que promovesse uma reflexão social, era a tônica dos estudantes e intelectuais de esquerda. Para Napolitano (2021, p. 27), “depois do golpe, as tênues ligações entre a militância artística e cultural e as classes populares foram cortadas”. Nesse recorte, uma das alternativas sociais de encontros para o simples prazer de



assistir a uma película, ou debater estruturas cinematográficas com maior erudição, ou ainda, construir um pensamento crítico diante da barbárie política eram os cineclubes.

A história do cinema em Sergipe perpassa por várias regiões do estado, ao longo da Terceira República (1946-1964) iniciaram-se as pioneiras filmagens. Diversos nomes destacam-se nesse período, tais como, Evaldo Costa, Clemente Freitas e, quem mais tarde tornar-se-á prefeito da cidade de Aracaju e governador do estado, Marcelo Déda Chagas.

Um fato histórico relevante na sociedade sergipana foi o torpedeamento de navios mercantes na costa do estado entre o litoral sul e a capital, promovendo pavor e pressão política dos representantes de Sergipe que queriam uma atitude de repúdio do presidente Getúlio Vargas. Segundo Maynard (2021, p. 82), parte de Aracaju ficou às escuras e, a partir daquele momento, seria preciso fazer racionamento de energia para equilibrar a situação”. Em meio a este contexto, várias áreas de exibições filmicas eram disponíveis no estado, estas obras cinematográficas que passavam nestes locais reproduziam o espelho social, propiciavam educar e doutrinar. Muitas destas películas eram passadas com o intuito de refletir o temor da guerra, construir na população uma aversão ao Nazismo e justificar o apoio brasileiro aos Aliados. Porém, não apenas se configuravam as salas de exibições, como também, se via as primeiras ações de gravações de filmes no estado, principalmente, na cidade de Estância com o cineasta Clemente Freitas. Para Moreno (1988, p.19), “Clemente filmava em 16 mm e 8 mm, os acontecimentos de sua cidade natal”. Outros nomes importantes nestas filmagens pioneiras foram Wilson Silva e Evaldo Costa que focavam, assim como Clemente, em captar imagens do cotidiano e de suas terras natais (Dantas, 2004, p. 165).

As primeiras salas de exibição e o CICLA

Em Aracaju, a primeira metade da década de 1940 e meados da década de 1950 marca a etapa do nascimento das primeiras salas de exibições de filmes, destacando-se: Cinema Guarany, Cine Rio Bran-

co, ambos situados no centro da capital. Além destes, o Cine Vitória, o Cine Rex, Cine Aracaju, Cine Pálace e o Cine São Francisco.

Dentro dos quadriláteros de Pirro, as salas de exibição contextualizam-se com o projeto de modernidade que transpirava na capital durante este período. O Cine Rio Branco inseria-se como uma área de entretenimento característico da vida nas *urbes*, sendo, para Melins (2007, p.118), “a casa de espetáculo mais importante de Aracaju”. O Cine Vitória, por sua vez, trazia esta modernidade nas estruturas arquitetônicas, onde via-se, Segundo Maynard (2021, p.108), “a combinação entre cinema e teatro no mesmo ambiente”. Esta grande gama de salas para a clientela cinematográfica em Aracaju propiciou diversas ações de debates filmicos e suas múltiplas relações, desde conversas entre os espectadores sobre a obra exibida até o fomento de periódicos especializados na análise mais erudita sobre a sétima arte. O cinema era um ponto de intercessão para os diálogos entre os cinéfilos, amantes das artes ou pessoas que apenas buscavam o entretenimento, isso engrandeceu o número adeptos que se interessavam em narrativa cinematográfica, em entender a linguagem do cinema e todas as suas interdisciplinaridades, com isso, a cidade passava a ter através da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe – SCAS o Clube de Cinema de Aracaju – CICLA, que para Dantas (2004, p.165), “teria perdurado de 1952 a 1956”, além de toda a estrutura que este Cineclubes tinha, com cargos de direção e de associados.



Cineclubismo na passagem da democracia ao estado ditatorial

Durante os Governos Populistas que fomentaram o período democrático entre 1946 e o golpe de 1964, o Brasil vivia sobre a dualidade de projetos que visavam a construção do país diante da Guerra Fria. De um lado o Varguismo com seu nacional desenvolvimentismo e do outro o desenvolvimentismo que deu as bases do governo de Juscelino Kubitschek. Nesse último modelo, os investimentos concentravam-se na Indústria de Bens de Consumo que possibilitou a vinda de indústrias automotivas para o sudeste. Criava-se entre os jovens a perspectiva de o bem, nesse caso, o carro,

era o grande objeto dos sonhos e de liberdade, favorecendo a estrutura mercadológica e aliando ao conservadorismo social, implementando um arquétipo de uma “Juventude Transviada”, ou seja, o “rebelde”, porém, dentro das expectativas do tradicionalismo da sociedade. Assim, a sétima arte refletia esta identidade, como o Brasil era sempre colocado no pêndulo das políticas de alinhamento e não alinhamento que caracterizavam a bipolarização mundial, uma das formas de divulgação do *American Way of Life* era através dos filmes de Hollywood. Os investimentos do Plano de Metas de JK atraíram uma forte concentração de obras filmicas com este verniz social. Isso, não excluía outras indústrias do cinema a adentrarem as salas de exibições do Brasil. A forte importação de películas favoreceu a chegada de alguns movimentos europeus que também influenciaram os jovens, o *Neorealismo* italiano e a *Nouvelle Vague* francesa são exemplos deste fervor cultural.

132

Com tantas referências, os frequentadores do CICLA sentiam-se estimulados a se imbricarem nos debates e nos estudos acerca do cinema, diversas ações foram proporcionadas pelos seus integrantes e disponibilizadas a sociedade aracajuana. A SCAS teve papel fundamental no desenvolvimento destes encontros de cinéfilos durante o período em que o jornalista Ivan Valença era integrante. Segundo Fontes (2019, p. 57-58), “o jovem Ivan Valença fez as programações mais geniais de nossa época. Além de ver filmes que não entrariam no circuito comercial nós tínhamos a oportunidade de encontrar pessoas como nós”. A SCAS – Sociedade de Cultura Artística de Sergipe atuava em vários campos das artes, mas, tinha o seu Departamento de Cinema, importantíssimo para a interdisciplinaridade com o teatro, para Macieira nesta instituição “não se trazia somente filmes de arte para cá, trazia também uma série de peças de teatro”¹. Medidas como esta faziam o ato de assistir uma película servir de “fio condutor” para diversos questionamentos entre os espectadores das salas de exibição.

¹ Augusto César Macieira em entrevista dada no dia 20/05/2007. Ver em: MIRANDA NETO, Onesino Elias, SANTOS, Shislane Cristina dos, CAMPOS FILHO, Walter César Vasconcelos. **Cinéfilos em ação: a história do Clube de Cinema de Sergipe (1960-1969)**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2007. p. 45.

O movimento cineclubista em Aracaju ganhou muita força nos anos posteriores, ainda na passagem da década de 1950 para a década de 1960 os membros do CICLA, que já havia se encerrado, fundaram o Centro de Estudos Cinematográficos de Aracaju mantendo a atividade do clube de cinema ativa e com intercâmbios com outros centros do país, São Paulo e Rio de Janeiro, além de cineclubes de Salvador. Segundo Moreno (1988, p. 20), “os jornalistas e críticos de cinema Ivan Valença e José Carlos Monteiro fundaram o CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS DE ARACAJU (CECA), que teve vida efêmera, pois suas atividades foram encerradas em agosto de 1964”. Os integrantes desse centro temiam as represálias dos agentes de segurança pública, após o golpe de 1964, mais pelos posicionamentos oposicionistas aos militares do que mesmo pela censura. As exhibições de filmes italianos, de cineastas como Pier Paolo Pasolini, Michelangelo Antonioni, Frederico Fellini e Bertolucci, de filmes como *O Silêncio*² de Ingmar Bergman, geravam fiscalizações da polícia militar ao cineclube, isto intimidava os frequentadores.

Mesmo diante desses receios, em 1966 foi fundado o CLUBE DE CINEMA DE SERGIPE, composto por membros de vários cineclubes de Aracaju, tendo em diversas localidades da capital como pontos de encontros para desenvolvimento de palestras, exhibições de filmes e debates. Segundo Moreno (1988, p. 20), “nesse período o CCS foi reconhecido de Utilidade Pública do Município e do Estado”. Com o nascimento desse cineclube, identifica-se em Aracaju um pequeno, porém, imprescindível foco de resistência civilizatória diante de um período ditatorial, de barbárie, devido ao fomento de atividades que propiciavam questionamentos políticos e sociais tendo como fio condutor as obras filmicas, seu caráter de funcionamento ultrapassava o simples ato de apenas assistir ao filme ou de consumir cinema.

O Estado brasileiro utilizava como mecanismo de barbárie que rompiam a construção civilizatória democrática os Atos Institucionais, principalmente, o AI-5. Em Sergipe havia uma confluência com os padrões fiscalizadores nacionais com a implementação de legis-

² **O Silêncio.** (Tystnaden). Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Suécia: Versátil, 1963. 1 DVD (96 min.), P&B. Distribuição em Vídeo: Publifolha.



lação que estruturava a opressão no estado. Para Oliva (1991, p. 156), “daí por diante o clima de tensão fez aumentar a violência no trato das questões políticas locais”. Desde o funcionamento do antigo Departamento de Cinema da SCAS que cineclubistas visavam exhibir filmes que rompiam a hegemonia cultural estadunidense, inclusive em etapas políticas do Brasil ainda vivendo no desenvolvimentismo do governo JK, continuando após 1964. Augusto César Macieira via no CCS uma alternativa de indústria do entretenimento já que era um espaço de se contemplar outras escolas cinematográficas, pois, “a turma de críticos daqui e leitores de revistas de cinema francês, resolveram fazer uma mudança, uma nova leitura de cinema e sair daquelas comediazinhas que eram o que estava em voga na década de 1950”³.

Outra maneira de resistência artística encontrada pelos membros do Clube de Cinema de Sergipe foi a produção de filmes locais, possível devido ao coletivismo característico deste tipo de agremiação social, o que amenizava a dificuldade financeira. Filmar ia além do pegar a câmera e fazer uma narrativa artística, em momentos de sanções, significava desenvolver tópicos de questionamentos sociais e políticos, fazia desse ser que produzia cinema no cineclubes em Aracaju um elemento de contestação diante de um governo autoritário, ditatorial, repressor. Para Ilma Fontes, este período “foi bonito, porque houve resistência, porque é nessa hora que a gente vê a personalidade que está por trás do artista”⁴.

A capital de Sergipe passou por múltiplos fatores que contribuíram para a cidade cada vez mais se modernizar ao longo da década de 1960, tendo em vários setores ações que pleiteavam tornar Aracaju uma cidade que se encaixava nesse contexto. As próprias manifestações artísticas se imbricavam na ideia de uma urbe civilizada, com um forte parque industrial e moderna. Para Carvalho (2003, p. 66), “danças, folguedos, comidas típicas, bordados, ar-

³ Augusto César Macieira em entrevista dada no dia 20/05/2007. Ver em: MIRANDA NETO, Onesino Elias, SANTOS, Shislane Cristina dos; CAMPOS FILHO, Walter César Vasconcelos. **Cinéfilos em ação: a história do Clube de Cinema de Sergipe (1960-1969)**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2007. p. 50.

⁴ *Ibidem* p. 63.



tesanatos de bairros instalados em Aracaju, durante aproximadamente um século e meio, foram desculturados e substituídos por códigos urbanos, cosmopolitas”. Essa “desculturação” era rebatida por movimentos ligados ao Centro Popular de Cultura – CPC, neles via-se uma constante busca pela formação da identidade nacional, sobretudo no cinema. Porém, não significava o fim da hegemonia da cultura de massa, assim como no Brasil, em Sergipe, as Chanchadas e as pornochanchadas tinham destaque nas salas de exposições. Esse embate era nato dentro da realidade dos cineclubes sergipanos, ou até mesmo nas ações cineclubistas em todo o país. Durante a política de alinhamento da Guerra Fria os EUA conseguiram perpetuar no Brasil suas formações artísticas e culturais adentrando no cotidiano social brasileiro através do cinema. Nos anos da ditadura militar o monopólio estatal da publicidade contribuiu para se propagandear no país um Estado de “bem-estar” social. Para Wolf (2004, p. 26), “as pulsões são feitas de modo sublimado, na imaginação, mediante a adoção de uma atitude de espectador e ouvinte, deixando-se levar por sonhos e devaneios”, isso, tornava o cinema uma preocupação contumaz do governo, tendo nos encontros de cinéfilos em clubes de cinema uma alternativa contrária a esse domínio cultural.

Fala-se muito nos bairros centrais e históricos de Aracaju, atualmente, na nostalgia alegre e paradisíaca da capital que se concentrava nas ruas do tabuleiro de Pirro, hoje, têm-se a preocupação e até mesmo insatisfação em alguns cidadãos da cidade com o expansionismo desregulado e pautado na especulação imobiliária como uma consequência da necessidade de firmar um conceito de uma *urbe* em expansão que foi idealizado na década de 1960. Assim como diversas grandes cidades, o centro reunia os amantes da vida noturna, bares, casas de prostituição faziam os prazeres sociais do aracajuano boêmio. Para Melins (2020, p. 144), “as casas noturnas de então eram locais de trabalho para os gigolôs, *caftens*, rufiões, músicos, bailarinas, prostitutas, que eram os donos da noite, viviam da noite e para a noite, tinham a alma e fama dos românticos”. Essas lembranças também focam na tranquilidade e na possibilidade de refugiar-se da vida agitada urbana. Ainda, segundo Melins (2020, p. 64), “guardo boas lembranças da época em que o Parque Teófilo



Dantas era um recanto acolhedor com seu lindo aquário, pequeno zoológico, seus córregos limpos e alamedas bem cuidadas, acolhia diariamente o aracajuano para momentos de lazer”. A grande concentração de praças, áreas de encontros faziam com que, nesse período, os encontros do Clube de Cinema de Sergipe se concentrassem nestas áreas centrais e arredores. Segundo Freitas (2003, p. 270), “o Aribé era considerado subúrbio e havia uma preocupação dos políticos em manter a ordem nessas localidades”. Apesar desse pensamento rodear grupos sociais diversos, a repressão governamental foi mais forte do que a permanência de um cineclube tão inovador a tal ponto de ter suas atividades encerradas ainda na década de 1960.

Conclusão

136



As referências do golpe de 1964 no país reverberam a construção dicotômica entre oprimidos e opressores, acreditar que esse fato histórico ficou no passado, sem prospecções ideológicas no futuro é inocência latente. À proporção que se cresce no país um discurso de ódio, de uma aversão aos movimentos sociais crescem também, diversas manifestações individuais ou em grupo dos que resistem a este período de extrema barbárie. Não acertamos ainda as contas com o passado, isso é prática que necessita ser contínua e resiliente, prefiguram-se no setor político do Brasil homens e mulheres que defendem, ainda que de forma piegas e fantasiosa, a volta ao intervencionismo militar. Uma metonímia dessa dualidade social expressa-se no campo da cultura e das artes, nos temíveis anos de valência do AI-5, Ato Institucional Nº5, camadas sociais diversas deleitavam-se com o paradoxo tenaz presente nas manifestações da literatura, do cinema, do teatro, entre outros. Via-se uma arte engajada em construir uma irrupção de resistência e de luta contra o governo, assim como presenciava-se, também, uma arte letárgica.

No começo dos anos 1970, o campo artístico-cultural protagonizado pela esquerda viveu um momento paradoxal. Por um lado, estava cercado pela censura rigorosa às artes, sofrendo com a repressão direta a

artistas engajados. Por outro, passava por um momento criativo e prestigiado socialmente, estimulado pelo crescimento do mercado e pelo papel político que assumiu como lugar da resistência e da afirmação de valores antiautoritários. Os meios de comunicação e a indústria da cultura como um todo conheciam uma época de expansão sem precedentes. Com o crescimento econômico, os bens culturais passaram a ser consumidos em escala industrial: telenovelas, noticiários, coleções de livros e fascículos sobre temas diversos, revistas, sinalizavam para a nova tendência “industrial” e “massiva” do consumo cultural, que se consolidaria na segunda metade da década de 1970. (Napolitano, 2021, p.173).

Em Sergipe não foi diferente, muitos atrativos culturais refletiam os anos de tutela militar no estado, a construção por uma arte engajada era paralela aos movimentos culturais que expressavam uma sociedade que consumia e que ao mesmo tempo imbricava-se diante da barbárie governamental. Aracaju era uma capital que selava uma região proveniente do domínio político de poucas famílias abastardas e que continuavam no poder mesmo com o golpe de 1964. Contudo, esse cenário não impediu florescerem manifestações de luta contra o Estado autoritário entre os estudantes, intelectuais, operários e sociedade civil, atingindo as artes. Estes fatores propiciavam expor as mazelas e abusos de poder dos militares.

Mas, em termos de mobilização política, a categoria que mais se movimentou contra o regime autoritário, nos seus primeiros anos de existência, foi a dos estudantes. Após as prisões, em 1964, das principais lideranças vinculadas às reformas de base, o primeiro movimento com alguma repercussão na sociedade foi o dos secundaristas do Atheneu. [...]. Alguns alunos foram chamados para depor no 28º BC, e três deles impetraram mandado de segurança. Apesar da presença de militares no Tribunal de Justiça, este se manifestou favorável ao pleito dos estudantes, mas todos foram expulsos. Tratando-se de filhos de figuras da classe média, alguns com bastante prestígio social, o



caso repercutiu na sociedade, expondo os abusos dos militares e gerando tensões desgastantes. (Dantas, 2014, p.123).

Neste cenário entravam as marcas importantes do Clube de Cinema de Sergipe, muito mais do que simples encontros para se assistir filmes, o cineclubes conseguia possibilitar encontros de cinéfilos, amantes de cinema ou simples espectadores para convergirem em debates que suprimiam as dificuldades de se conversar sobre diversas temáticas, incluindo política. Os seus membros compartilhavam experiências de outras cenas cinematográficas do país, com exibições de obras vindas de outros estados e contatos com clubistas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, ou seja, outros grandes centros do país. Além das exibições de filmes que retratavam escolas filmicas revolucionárias do mundo, dos movimentos da Nouvelle Vague, do Neorrealismo Italiano, dos vários Cinemas Novos, criando um espaço de resistência política em Aracaju.

138

Referências

- CARVALHO, Fernando Lins de. O popular e o popularesco: perspectivas para Aracaju. *Revista de Aracaju*. Vol. 1, n. 1, 2003. p. 63-66.
- CARVALHO, Maria Clara Andrade de; SANTOS, Luciana de Souza. Entre trilhos e caminhos: os bondes em Aracaju no período de 1900 a 1950. *Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais/Universidade Tiradentes*. Vol. 8, n. 8, 2008. p. 183-192.
- DANTAS, Ibarê. *História de Sergipe: República (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- _____. *A tutela militar em Sergipe (1964-1984): partidos e eleições num Estado autoritário*. 2ª edição. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.
- FONTES, Ilma. *Tempo bom, tempo ruim: autobiografia*. Aracaju: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2019.
- FREITAS, Bárbara Sheila Gonçalves e. A ocupação periférica do quadrado de Pirro: Aribé (1901-1931). *Revista de Aracaju*. Vol. 1, n. 1, 2003. p. 216-275.
- MAYNARD, Andreza Santos Cruz. *De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)*. 2013. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

_____. “Presepe de Sombras” em Aracaju (Sergipe-Brasil): uma reflexão sobre exibições cinematográficas no início do século XX. **Revista de História da UEG**. Vol 3, n. 1, 2014. p. 131-142.

_____. **De Hollywood a Aracaju**: antinazismo e cinemas durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro; Recife: Autografia/EDUPE, 2021.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. 3ª edição. Aracaju: Unit, 2007.

MELINS, Murillo. **Aracaju**: Reminiscências e devaneios. Aracaju: J. Andrade, 2020.

MIRANDA NETO, Onesino Elias, SANTOS, Shislane Cristina dos, CAMPOS FILHO, Walter César Vasconcelos. **Cinéfilos em ação**: a história do Clube de Cinema de Sergipe (1960-1969). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2007.

MORENO, Djaldino Mota. **Cinema Sergipano**: catálogos de filmes. Aracaju: Conselho Estadual de Cultura, 1988.

_____. **VII Festival Nacional de Cinema**. Aracaju: UFS/PROEX/CULTART, 1980.

_____. **Esparsos Filmes em Questão**. Aracaju: Clube de Cinema de Sergipe, 1980.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. 1ª edição. 9ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

_____. **História do Brasil república**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. 1ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Cultura brasileira**: utopia e massificação (1950-1980): cultura de massa e cultura da elite, movimentos de vanguarda, arte e política. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, Mislene Vieira dos. **Da ditadura à democracia**: o Festival de Arte de São Cristóvão (FASC) e a política cultural sergipana (1972-1995). 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SANTOS, Gilvan Victor dos. **O circuito operário católico em Sergipe**: práticas educativas e organização da cultura operária (1935-1969). 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

SILVA, Eduardo Lima. **Campo do cineclubismo brasileiro**: uma análise dos interesses em jogo no período de rearticulação do movimento cineclubista. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porta Alegre, 2014.



SILVA, Ademilton José Leite da. **Anúncios cinematográficos no correio de Aracaju (1907-1914)**. 2016. 678 f. Monografia (Graduação de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

OLIVA, Terezinha Alves de. Estruturas de poder. In: DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. (org.). **Textos para a história de Sergipe**. Aracaju: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/BANCO DO ESTADO DE SERGIPE, 1991. p. 127-166.

Obra cinematográfica

O Silêncio. (Tystnaden). Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Suécia: Versátil, 1963. 1 DVD (96 min.), P&B. Distribuição em Vídeo: Publifolha.

